

AS PLANTAS MEDICINAIS COMO SUSTENTABILIDADE PARA A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA POPULAR NO BUGIO (ARACAJU-SE)¹

Maria Salete Barreto Santos²

Carlos Alberto Vasconcelos³

1

RESUMO

O uso das plantas medicinais pela população do Conjunto Bugio em Aracaju/SE, é uma transmissão de conhecimentos popular e científico que se sedimenta pela perpetuação de informações para as gerações futuras, contribuindo para que a cultura da comunidade seja preservada. Neste sentido, o ambiente escolar, é um lócus de vivência e transmissão de conhecimento, espaço de reprodução e educação desses saberes. Diante desta perspectiva, pretende-se com este texto resgatar e traçar um panorama da tradição do uso das plantas medicinais pela população do conjunto bugio, além de analisar os seus reflexos no cotidiano escolar da comunidade, vinculando suas formas de uso e as estratégias de sustentabilidade comunitária, tendo em vista a antiga riqueza da biodiversidade e a construção de uma cultura da medicina popular que cresce entre a faixa da população de baixo poder aquisitivo. Com essa visão, seria necessário o surgimento de programas que valorizassem o uso e o cultivo coletivo de plantas medicinais na comunidade do bairro, para que fossem vistas como uma alternativa sustentável, de acesso ao tratamento de doenças e enfermidades, reforçando a importância e o valor dos bens naturais. Tendo a escola pública como espaço de discussão, debate e formadora de idéias, traçando assim estratégias viáveis e sensíveis de educação ambiental na comunidade.

¹ Texto extraído da monografia intitulada: Plantas Medicinais: Cultura Popular e Educação Ambiental no Conjunto Bugio/Aracaju/SE, como requisito para o grau de Especialista em Educação Ambiental, pela Faculdade Atlântico em 2008.

² Profa da Rede Adventista de Ensino em Aracaju e aluna Especial do Mestrado em Agroecossistemas da UFS msaletabarreto@yahoo.com.br

³ Doutorando na UFS e Prof. dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade Atlântico geopedagogia@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Conjunto Bugio (Assis Chateaubriand) fica situado na zona Oeste da cidade de Aracaju, localizada as margens do Rio Sergipe. Foi o primeiro mega-conjunto construído na época pela COHAB (Companhia de Habitação, em Sergipe). Possuía um total de 2133 casas, num aglomerado de mais de dez mil moradores. Apesar de ter sido construído na periferia, cresceu em larga escala, e passou a ser nome de bairro, hoje repletos de invasões e loteamentos e com números de residências, ainda maior do que o número construído no período de 1975 a 1979.

Nessa época Aracaju estava crescendo em população e a política habitacional privilegiava a construção de conjuntos habitacionais como esse, porém as construções desses complexos habitacionais, causaram impactos ambientais, com a perda da vegetação original e diversas espécies de arbustos frutíferos, sem contar também da biodiversidade de animais, inclusive os primatas da espécie Bugio, que deu nome ao bairro e que atualmente estão em processo de extinção (ARAÚJO, 2006).

Pretende-se, porém neste texto, discorrer sobre os resultados empíricos desenvolvidos e obtidos em pesquisa mais aprofundada, fruto de trabalho monográfico, abordando e analisando a cultura popular de uso das plantas medicinais no Bugio e seus reflexos na prática e no cotidiano escolar como estratégia de educação ambiental.

A partir deste contexto, é mister colocar que na década de 1960 o mundo começava mostrar as conseqüências do modelo de desenvolvimento econômico, adotado, principalmente pelos países ricos, traduzido em níveis crescentes de poluição atmosférica; em rios envenenados por despejos industriais; em perda da cobertura vegetal da terra e outros. Os recursos hídricos, a exemplo, sustentáculo e derrocada de muitas civilizações, estavam sendo comprometidos em grande velocidade na história humana.

O Brasil vivia o regime ditatorial, na “Contramão” da tendência internacional de preocupação com o ambiente, mostrava ao mundo o Projeto Carajás e a Usina Hidroelétrica de Tucuruí, iniciativas de alto potencial de degradação ambiental. Nesse contexto desfavorável, criava-se a “Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural” – A GAPAM -, precursora de movimentos ambientalistas em nosso país, quando ainda não tínhamos nem mesmo uma legislação ambiental, como a maioria das nações (SANTOS, 1999).

As conseqüências desses empreendimentos e os resultados se farão sentir nos anos posteriores. Cubatão, no Brasil é um “Exemplo Clássico”, onde a grande concentração de poluentes químicos, crianças nascem acéfalas; o acidente de Bophal, na Índia, ocorrido numa indústria química multinacional que operava sem medidas de segurança exigidas em seu país de origem, provocou a morte de milhares de pessoas. Esse acidente junto ao da usina nuclear de Chernobyl são considerados os maiores acidentes ecológicos do século XX.

Em todo o mundo, emerge movimentos de lutas, reivindicações para resolução destas e outras questões que afetavam a população mundial, e em particular as relacionadas ao meio ambiente. Com este enfoque acontece a conferência de Estocolmo, tendo como uma das suas finalidades a de tentar conduzir ações voltadas para educar o cidadão para a solução dos problemas ambientais. Considera-se que foi neste evento que surgiu o termo “Educação Ambiental”.

A ONU foi o organismo responsável pela divulgação e realização dessa nova perspectiva educativa, realizando seminários regionais em todos os continentes, procurando estabelecer os seus fundamentos filosóficos e pedagógicos junto a UNESCO.

Falar em educação ambiental para alguns especialistas era inútil, formação e cidadania enquanto vários países continuavam fabricando armas nucleares impedindo a participação dos cidadãos nas decisões políticas.

Decorrente de tal trajetória nasce um outro conceito - Desenvolvimento sustentável, diz respeito a uma forma de crescimento econômico das nações que considerem o comprometimento dos recursos naturais para as futuras gerações. O contrário da exploração dos recursos naturais em níveis suportáveis em todo o mundo, a idéia de desenvolvimento sustentável é de “crescimento econômico com controle ambiental”, em todos os países do mundo. A desigualdade é tratada como um desajuste a ser superado pela universalização do desenvolvimento econômico, porém com sustentabilidade (SANTOS, 2007).

2 . EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA POPULAR: DISCORRENDO SOBRE A PRÁTICA

O princípio e fim de uma educação ambiental é o despertar da consciência ecológica, e substanciada por uma razão crítica, que percebe as relações de poder de caráter dominador e explorador, que desestruturam, rompem laços, produzem cisão, que

degradam homem e natureza. Assim como, reciprocamente, deve substanciar-se pela promoção do sentimento de pertencimento solidário, o que interconecta, o que integra unidade e multiplicidade. É uma educação ambiental do “ser amoroso,” que assim estabelece seus elos com o mundo, a do “saber cuidar” como uma “ética do humano de compaixão pela terra” (BOFF, 1999).

Essa Educação Ambiental, que visa à sustentabilidade da vida do planeta, se estabelece no movimento que provoca rupturas e religações fundantes de um novo paradigma, que de certa forma retrata a questão da cultura popular. Esta de início apresenta muitas definições e é um termo repleto de ambigüidades.

Através dos trabalhos de campo, desenvolvidos ao longo desta pesquisa, foi possível identificar que o uso de plantas medicinais na comunidade do Bugio, em Aracaju é uma prática cultural que se desenvolve ao longo dos tempos motivada pelos resultados e também pela disseminação de informações entre os moradores, deste núcleo habitacional que através de seus hábitos e costumes, repassam esse saber para as gerações futuras.

Dos 150 domicílios visitados aleatoriamente, e divididos de forma proporcional entre as etapas que compõem o conjunto de casas, pertencentes ao complexo, identificamos um percentual de 80% das mesmas com a presença de canteiros com plantas medicinais. Estes dados podem ser retratados no gráfico 01.

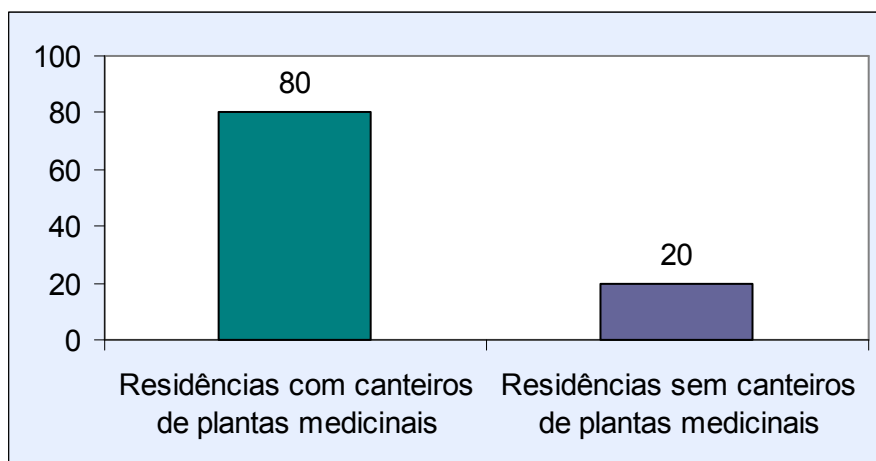


Gráfico 01- Quantitativo de residências com presença de canteiro de plantas medicinais.

Fonte: Trabalho de Campo, 2008

Dentro desse percentual de entrevistados, que assumem ter canteiros de plantas medicinais em suas residências, todo o universo afirma fazer uso das mesmas para tratamento de doenças ou enfermidades.

Quando perguntado o motivo por optarem pelo uso das plantas, como alternativa de tratamento, 40% apontam que o uso das plantas é mais saudável para o organismo, em detrimento das drogas convencionais vendidas nas farmácias. Já para 30% dos entrevistados o uso das mesmas se faz em decorrência de ser uma alternativa mais barata que a compra tradicional de remédios em farmácias. Dos demais entrevistados, 20% apontam fazer uso por tradição, movido pela crença dos mais velhos, os demais 10% apresentaram outros motivos para seu uso, como se pode observar no gráfico 02.

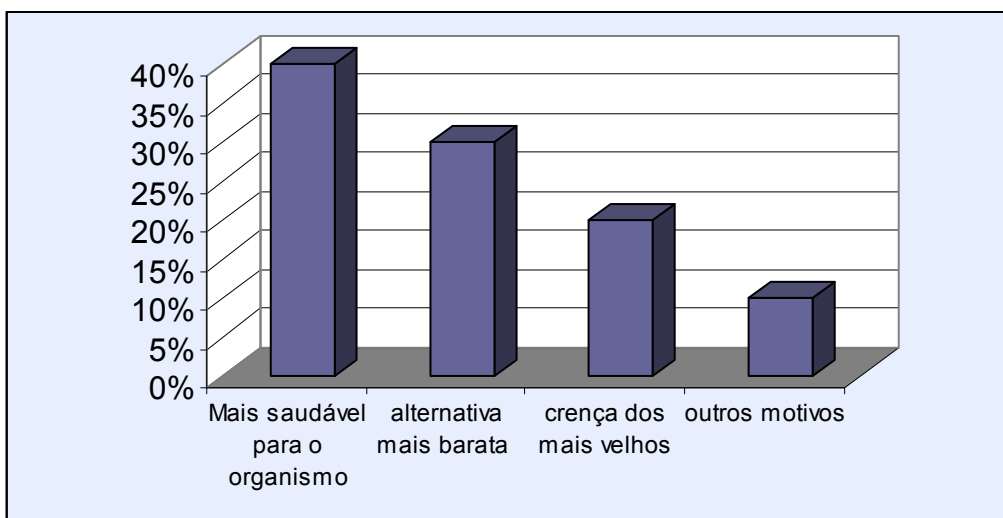


Gráfico 02 – Motivos para o uso das plantas medicinais, pela população que possuem canteiro em suas residências.

Fonte: Trabalho de Campo, 2008.

O resultado desta etapa de pesquisa, permite evidenciar que os motivos de uso das plantas medicinais na comunidade, se move pelo direcionamento de vertentes bastantes claras, a primeira diz respeito ao entendimento das plantas como terapia mais saudável ou de menor impacto no organismo, a segunda a condição econômica e a terceira, a perpetuação de conhecimentos, crenças e tradições do povo, marcadas pela disseminação de informações e fortalecimentos de laços de cultura.

É importante também salientar que o uso das plantas, é vista pelos moradores como alternativa de tratamento de doenças ou sintomas comuns e de fácil diagnóstico,

como gripe, dor de barriga, má digestão, inflamação, cólica, machucados e outras enfermidades.

Já quando perguntados, de que forma o conhecimento sobre as propriedades e as formas de uso das plantas é repassado para as gerações futuras os entrevistados apresentaram duas formas: a primeira é o próprio uso, com e entre as pessoas, e a segunda é ensinando a usar, ou seja, incentivando outras pessoas que não conhece o uso das plantas a experimentar, em geral em função de alguma doença.

Diante deste quadro, e tendo em vista os objetivos da pesquisa, é importante conhecer quais as plantas usadas e suas formas de uso, principalmente em função da sua disseminação dentro da comunidade, investigando se esse conhecimento chega e se é utilizado nas escolas; de que forma ele é trabalhado ou levado em consideração, já que se trata de uma cultura popular de caráter altamente marcado pela resistência, traço cultural de uma comunidade altamente impactada pelas formas modernas e urbanas de viver.

3. AS PLANTAS MEDICINAIS CULTIVADAS NO BUGIO (ARACAJU-SE): TRADIÇÃO E FORMAS DE USOS

A partir da identificação dos domicílios com canteiros de plantas medicinais dentro da comunidade, buscou-se então identificar os principais tipos de plantas e suas recomendações de usos.

È importante salientar que esse trabalho foi bastante importante pois, a partir dele, pode-se perceber que as informações e as formas de usos, as propriedades medicinais das plantas é algo bastante sedimentado na comunidade, e mesmo os moradores que não possuem canteiros reconhecem a valor deste uso e apontaram fazer uso das mesmas, utilizando-se dos canteiros de familiares ou vizinhos.

Observou-se também, as formas de cultivo destas plantas medicinais, que em virtude do modelo de conjunto adotado, ou seja, o complexo habitacional foi constituído de casas, em geral com área de terreno para ampliação. Devido a esta característica as formas de plantio se apresentam em dois modelos.

O primeiro é aquele em que a planta é cultivada diretamente no solo, seja com a construção de canteiros separados por estruturas de pedra ou cimento, seja em solo aberto no fundo do quintal. A figura 01 demonstra esta visão.



Figura 01: Canteiro de plantas medicinais diretamente no solo.
Fonte: Trabalho de Campo, 2007.

A segunda forma de plantio é aquela que devido a impermeabilização do solo, feita em geral pela tentativa de conter o avanço de areia, comum na época de entrega das casas, acabou impossibilitando um aproveitamento mais efetivo do solo com plantio, a alternativa encontrada para manutenção da cultura entre os moradores, foi o plantio em vasos, vasilhames ou estruturas fechadas de cimento. Neste caso, as plantas são cultivadas individualmente em cada vaso, diferente dos canteiros abertos no solo, onde em geral há uma mistura de plantas, própria do tipo de crescimento da espécie, como podemos constatar na figura 02.



Figura 02: Canteiro de plantas medicinais cultivadas em vasos de plástico no conjunto Bugio.
Fonte: Trabalho de campo, 2007.

Há uma variação de espécies, entretanto foi possível identificar durante as entrevistas que existem categorias de plantas que são de uso geral, de caráter comum, enquanto outras pela sua especificidade, acabam ficando restritas a poucas residências, em geral aquelas que possuem canteiros mais antigos e de maior variedade de espécies.

Na tabela seguinte identifica-se os principais tipos de plantas medicinais encontradas na área de pesquisa e suas recomendações de uso. Lembrando que estas foram as espécies, mais citadas dentro do universo das residências que possuem canteiros com plantas medicinais e que foram detectadas durante a pesquisa.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	Nº DE CITAÇÕES DE USO	INDICAÇÃO
Melissa(Cidreira)	<i>Melissa officinales</i>	42	Calmante
Capim-Santo	<i>Cymbopogon citratus(De.) Stapf</i>	33	Dor de Barriga
Sambacaita	<i>Hyptis pectinata</i>	31	Inflamação
Hortelã	<i>Mentha</i>	28	Dor de estômago e expectorante
Babosa	<i>Aloe vera</i>	22	Anti-queda capilar
Mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	19	Expectorante e vermes e pancadas
Boldo	<i>Plectranthus barbatus Benth</i>	16	Gastrintestinais e hepáticos
Pitanga	<i>Eugenia uniflora Berg</i>	15	Gripe

Tabela 01 - Principais espécies de plantas medicinais encontradas no Conjunto Bugiu, número de ocorrência e indicação de usos.

Fonte: Trabalho de Campo, 2008

Como observado na tabela 01, tem-se as espécies de plantas mais utilizadas pela população do Conjunto Bugiu. Ressaltando que cada uma delas apresenta suas propriedades, característica e formas de uso.

A ocorrência e o cultivo das plantas medicinais mais comuns no Conjunto Bugiu, não difere das informações coletadas no meio científico, lembrando que a cultura popular amplia essa aplicação, refazendo um ciclo constante de pesquisa e comprovação.

4.- CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: AS PLANTAS MEDICINAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

O propósito da educação ambiental é promover a aproximação do homem com a natureza, para que através de formas sustentáveis de relação, possamos construir um ambiente ecologicamente mais justo.

Pensando a prática de uma educação ambiental libertadora, que promova a interação e a possibilidade de um outro comportamento, buscou-se verificar através de entrevistas com os vários sujeitos que compõe o ambiente escolar, se a cultura do uso e cultivo das plantas medicinais tão comum na comunidade é respeitada e valorizada na escola.

A escola escolhida, palco da pesquisa foi o Colégio Estadual Francisco Rosa Santos, a maior unidade de ensino do Bairro, com cerca de 2000 alunos, oferecendo ensino fundamental e médio, além de uma turma de pré-vestibular.

Embora o uso das plantas medicinais, seja um traço da cultura da comunidade do Conjunto Bugio, dentro do ambiente escolar essa manifestação não ocorre com o mesmo significado.

Ao que parece a ausência de canteiros de plantas medicinais no ambiente escolar, dificulta o uso das mesmas. Além disso, a própria escola reconhece não trabalhar a questão com seus alunos.

Com exceção da professora de ciências, que aborda a importância das mesmas durante o desenrolar da feira de ciências, que ocorre uma vez por ano, a prática e valorização desse traço cultural permanece pouco trabalhado.

Inclusive por que não se faz entre os alunos, mesmo para tratar sintomas simples o uso de chás na escola, entretanto entre os professores e a direção foi possível constatar o uso de plantas trazidas de casa em forma de chá.

A principal questão aqui trabalhada é a negação dessa cultura no ambiente escolar o que acarreta uma perda de valor, pois a escola deve promover a valorização da relação comunitária com o uso de plantas medicinais, como possibilidade de construção de uma alternativa de projeto de educação ambiental, até agora inexistente.

Percebeu-se com as entrevistas que a escola ainda é tímida para lidar com questões ligadas a cultura popular, pois esse reconhecimento é contraditório, diante de um ambiente que tem compromisso com a cientificidade. Tal fato pode ser comprovado com o depoimento da Diretora da Escola quando diz: “Não temos canteiro de plantas na escola, já teve no passado, hoje não temos mais”.

Em entrevista com os professores ficou nítido que embora a maioria tenha canteiro de plantas medicinais em casa, os mesmos, sente-se pouco a vontade para fazer uso com seus alunos, embora admitam que se essa fosse uma prática da escola, seria benéfico para os alunos. Como se observa no gráfico 03.

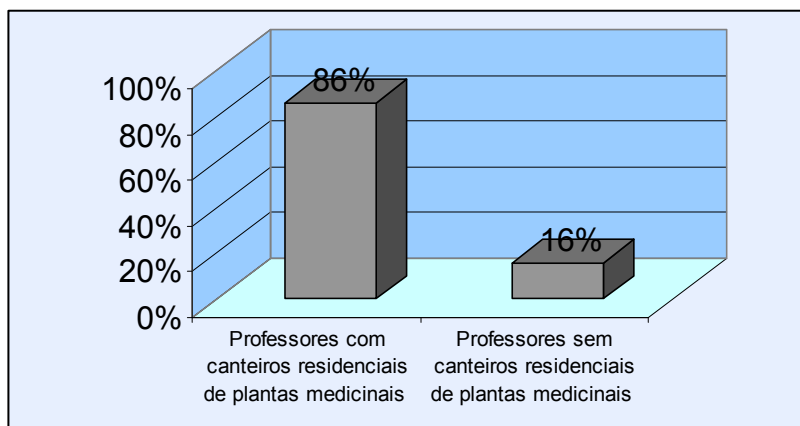


Gráfico 03: Porcentagem de professores com e sem canteiros residenciais de plantas medicinais

Fonte: Entrevistas, 2007

Entre os alunos, prevalecem os reflexos do cotidiano da comunidade, pois as entrevistas comprovaram que a maioria faz uso das plantas medicinais em suas casas.

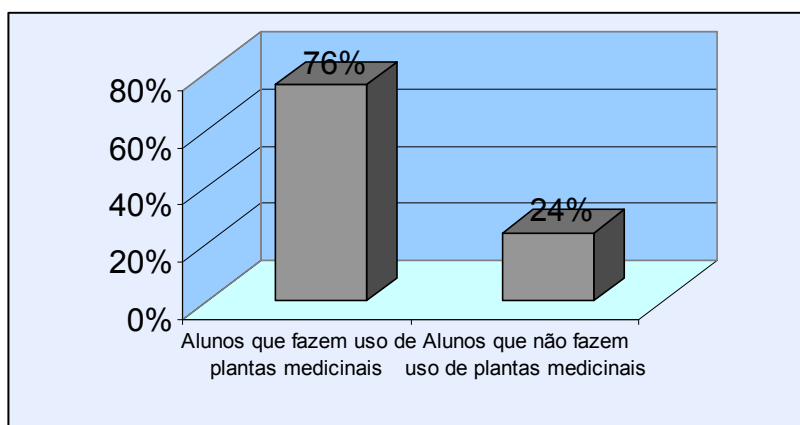


Gráfico 04: Porcentagem de alunos que fazem uso de plantas medicinais

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007

Ao que parece então, a tradição e a força do uso de plantas medicinais na comunidade, encontra na escola um ambiente de resistência, cabendo, portanto um outro

comportamento, já que essa manifestação parece bastante legítima entre os alunos e os pais dos alunos.

Além disso, esse traço cultural poderia ser devidamente aproveitado, como alternativa e estratégia de fortalecimento dos laços comunitários, funcionando como excelente elemento gerador de projetos de educação ambiental dentro da escola.

Entretanto, como constatado, essa oportunidade não é devidamente aproveitada, causando um distanciamento entre a realidade local e a escola.

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular sempre esteve presente nos programas e conteúdos escolares. De um jeito formal ou de forma transversal, sempre há um espaço na educação para se tratar desse assunto. A relação educação e cultura, pode proporcionar respostas às preocupações cotidianas do educador.

Em um país como o Brasil, tão diverso, tão grande, com tantas expressões diferentes, com tantos jeitos de ser, de brincar, de conviver e rezar, que vão se modificando de lugar para lugar, e a toda hora, não podemos falar de uma única cultura, mas das muitas culturas que o formam..

Diante de tudo que discorreremos, será ainda possível falar de educação sem integrá-la à questão cultural e ambiental? Certamente não. E é não porque a educação é resultado das práticas culturais dos grupos sociais. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas.

Levando-se em consideração as características, e a crise social vivida pelo mundo, marcada principalmente pelos contrastes e diferenças provocadas pela crise ambiental, ou seja, pela falência do modo de exploração capitalista da natureza, onde a sociedade passou a valorizar as sociedades e o modo de vida urbano, distanciando das formas de convívio com a natureza e seus recursos como parte dele, separando antagonicamente essas partes, as culturas populares, como o uso das plantas medicinais entre as comunidades, como no caso do nosso estudo, do Conjunto Bugio (Aracaju_SE), pode-se indicar que as formas de resistências reproduzidas oportunizam possibilidades de projetos de educação ambiental, que a escola enquanto locus formal de resistência e saber, deveria aproveitar com mais competência.

Além disso, devemos perceber também, que tais formas de manifestações são resultados da formação social dos moradores do Conjunto, que na sua maioria advém de

localidades fora do eixo urbano da capital, ou ainda que a geração de pais e avós que compõem o perfil populacional da comunidade é originária do interior do estado, onde as formas e as tradições, ligadas ao uso de plantas medicinais são mais fortes.

Seria pois necessário, no nosso ponto de vista, um programa de valorização do uso e cultivo de plantas medicinais na comunidade, para que as mesmas fossem vistas como uma alternativa sustentável de acesso ao tratamento de doenças e enfermidades, reforçando a importância e o valor dos bens naturais, e a escola pública poderia ser esse cenário de discussão, debate e formadora de idéias, traçando assim estratégias viáveis e sensíveis de educação ambiental na comunidade.

6 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Helio Mario de. **O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju**. São Cristóvão: Editora UFS, 2006.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAGA, R.. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. Fortaleza; Editora da UFCE, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANÇA, Vera Lúcia. **Aracaju rumo a uma feição metropolitana**. In: Diniz, José Alexandre F., França, Vera Lúcia (Orgs.). *Capítulos de Geografia Nordestina*. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998.

GADOTTI, Moci. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo, Àtica, 1994.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 1965.

IBGE – Censo demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

MEDINA, Maria Minine. **Elementos para introdução da dimensão ambiental na educação escolar**. Documentos Pedagógicos. Amazônia, Uma Proposta interdisciplinar de educação ambiental. Brasília : 1994.

MENDONÇA, M. C.; CARVALHO FILHO, J. L. S.; DANTAS, I. B.; AZEVEDO, V. G.; ARRIGONI-BLANK, M. F. Avaliação de **Horticultura brasileira**, v. 21, n. 2, p. 1-4, 2003. Suplemento 2. farmacológica e química do gênero *Hyptis*. **Revista Brasileira de Farmacologia**, 84 (3), p. 69-74, 2003. componentes de produção de sambacaitá no primeiro corte. 3. ed. Fortaleza, 540 p., 1979.

MORIN, E. **Complexidade e ética da solidariedade**. In: CASTRO, G, de; CARVALHO, E. de A. e ALMEIDA, M.C. de (Coord), **Ensaio de complexidade**.

Porto Alegre, Sulina, 1997.

PCNS- **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Temas Transversais, Brasília: MEC/SEF, 1998.

REIGOTTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos, 292)

SANTOS, Mário Jorge Silva. **Mata do Junco (Capela-SE): identidade territorial e gestão de conflitos ambientais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Marleide Maria. **O sertão sergipano do São Francisco e os movimentos sociais no campo. Aracaju**, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.

SILVA, José Monteiro da. **Flora medicinal: uma história singular**. São Paulo, n/d 2002.

VASCONCELOS, Carlos Alberto. **Meio ambiente e espacialização da citricultura no município de Sairé-PE**. 2000 Dissertação (Mestrado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.